



ISBN 978-85-7325-957-5
9 788573 259575

Teologia

THOMAS TRONCO

teo
lo
gia

Fundamentos da

do Antigo
Testamento

Capítulo 1

A teologia do Antigo Testamento

Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança.

Romanos 15.4

A TEOLOGIA

UMA DAS DIFICULDADES REFERENTES À TEOLOGIA é entender o que ela significa e do que ela trata. Eis um significado: “O estudo de Deus”. Entretanto, deparamos com assuntos não ligados diretamente à pessoa de Deus: o homem, o pecado, a salvação e a vida futura. A conclusão é: a teologia contém um escopo maior que o significado primário sugere.

Não há uma definição consensual entre os estudiosos sobre o que é teologia. Mesmo assim, apresentaremos uma descrição, ainda que simples, para nos guiar. Um bom ponto de partida é o propósito da teologia. Embora a palavra não expresse temas ligados apenas à pessoa de Deus, esses outros assuntos tendem a alterar o relacionamento do homem com ele.

Outro ponto a ser observado é a fonte da teologia. Sem a revelação de Deus sobre ele e as verdades que o rodeiam, a teologia seria um conhecimento intuitivo ou, no máximo, deduzido da

observação da criação. Entretanto, a intuição e a dedução são ineficazes para conhecer Deus e manter um relacionamento com ele.

Para que se fale de teologia é preciso partir do conhecimento que Deus revelou. Ele tomou a iniciativa de ser conhecido. A teologia só é válida e faz sentido se for uma resposta a essa iniciativa, e a Bíblia é o veículo dessa ação. As Escrituras são inspiradas por Deus (2Tm 3.16), que usou homens “movidados pelo Espírito Santo” para registrar suas palavras (2Pe 1.21), o que implica isto:

O Antigo Testamento [AT] em sua forma primitiva é completamente inerrante. Isso significa que ele não apenas é teologicamente livre de erros, mas também que trata acertadamente e com autoridade de assuntos relacionados à ciência e história, sempre que seja seu propósito fazê-lo.¹

Isso também se aplica ao Novo Testamento (NT).

Partindo de tais pressupostos, uma definição “útil” de teologia é: *O conjunto do conhecimento revelado por Deus nas Escrituras, para que, por meio dele e por causa dele, o homem conheça a Deus e se curve diante dele pelos meios que ele mesmo indicou.*

Nada do que foi revelado pode ser desprezado, mas nem tudo pode ser exaurido ou conhecido por completo, mesmo no AT. Entretanto, há alguns assuntos mais frequentes. Assim, dividir esses temas didaticamente e observar seu desenvolvimento nas Escrituras nos ajudará a captar uma parte da teologia do AT. Essa busca é denominada “teologia bíblica”. Esse processo é capaz de nos levar a um aprofundamento cada vez maior do conhecimento da teologia e de Deus.

Alguns diriam que dividir a teologia em assuntos é tarefa da teologia sistemática, e não da bíblica. Mas uma não pode existir sem a outra. Vale a pena analisar esta observação de Gerhard Hasel:

¹ Eugene MERRILL, *História de Israel no Antigo Testamento*, p. 3.

Deve-se enfatizar que os teólogos bíblicos e os teólogos sistemáticos não competem uns com os outros. Sua função é complementar. Ambos precisam trabalhar lado a lado, aproveitando um do outro. O teólogo bíblico apresenta categorias bíblicas, temas, motivos e conceitos, que, em contraste com as “ideias claras e distintas” do teólogo sistemático, às vezes não são tão claras e distintas. Porém, as categorias bíblicas são frequentemente mais sugestivas e dinâmicas para expressar a rica revelação do profundo mistério de Deus. Como resultado disso, a teologia bíblica é capaz de dizer algo para o homem moderno que a teologia sistemática não pode dizer. Sendo assim, um trabalho no campo dos fundamentos da teologia do Antigo Testamento certamente deve mesclar características das teologias bíblica e sistemática.²

A teologia bíblica tem o dever de encontrar pontos de relevância e de aplicação para a vida da humanidade em geral, e não apenas para os homens da época dos acontecimentos bíblicos. A teologia, apesar de brotar na história, não está presa a ela, assim como Deus e suas atuações também não estão. Por isso, a teologia não é um saber morto. Em vez disso, tem a função e o poder de dar “vida” (Jo 20.31).

O ANTIGO TESTAMENTO

O AT oferece um material tão vasto que é difícil explicá-lo ou classificá-lo em poucas palavras. Essa variedade gera diversos métodos para o estudo da sua teologia.³ Em um trabalho sobre “fundamentos” teológicos, uma divisão temática é mais acessível a quem está iniciando nessa área e também fornece temas marcantes e relevantes à compreensão da Bíblia e à própria vida cristã.

² *Old Testament Theology*, p. 195-196.

³ Para saber de modo resumido sobre os diversos métodos para o estudo teológico do Antigo Testamento, cf. Ralph SMITH, *Teologia do Antigo Testamento*, p. 72-74.

A maioria dos livros tem um capítulo inicial chamado “introdução”. Ele costuma apresentar um pequeno esboço da ideia do autor quanto ao assunto e ao propósito do livro, além dos benefícios para o leitor. Daí para a frente, cada capítulo desenvolve e aprofunda aquilo que foi apenas pincelado na introdução. Isso não cumpre apenas as formas dos padrões literários mas também do as do raciocínio humano e da comunicação. Como revelação de Deus *aos homens*, as Escrituras foram compostas seguindo um formato no qual Deus introduziu o assunto de maneira geral e foi aprofundando cada um dos aspectos que direcionam a revelação.

Esse método de Deus se revelar aos poucos é denominado *revelação progressiva*. Isso quer dizer que Deus assentou as bases do conhecimento que planejou transmitir e foi desenvolvendo-o. Entretanto, as bases da revelação foram dadas desde o início. O fato é que, apesar de no NT haver a descontinuidade dos aspectos legais do AT, os princípios teológicos fundamentais permanecem.⁴

Assim como em um edifício cujo alicerce tem o mesmo formato da edificação, o início da revelação de Deus contém, de forma embrionária, toda a teologia do AT. Desse modo, o Pentateuco age como uma introdução para a mensagem de todo o AT. Contudo, enquanto a mensagem do NT é dada em um momento histórico com um contexto específico, a mensagem do Antigo é dada, em grande parte, *por meio da história*.

Os primeiros registros das Escrituras foram escritos por Moisés, depois da retirada dos israelitas do Egito. A família de Jacó já habitava o Egito havia 430 anos (Êx 12.40). Parte desse período foi vivido sob trabalhos forçados, enquanto a pequena família se tornava um grande povo (Êx 1.7,12,20). Apesar do crescimento, a história dos patriarcas e os ditos de Deus a eles ficavam cada vez mais distantes. Em um contexto de alienação por causa da escravidão, Moisés é chamado por Deus para cumprir sua promessa a Abraão de libertar seus descendentes (Gn 15.13-14). Moisés cumpre sua

⁴ Andrew HILL e John H. WALTON, *Panorama do Antigo Testamento*, p. 68.

tarifa enquanto Deus mostra aos israelitas, aos egípcios e ao mundo quem ele é e o seu poder. Para isso, usa pragas contra o Egito, liberta o povo de Israel e o protege, fazendo-o passar pelo mar.

Há aqui uma transição marcante. Deus não apenas tornou os israelitas de escravos em libertos, mas os transformou de um povo em uma nação. Para tal transição, a revelação de Deus por meio de Moisés no monte Sinai age de modo marcante e irreversível.

Para transformar um povo em uma nação é necessário responder a muitas perguntas. Uma gente que não sabe de onde veio é uma gente que também não sabe para onde vai. Era necessário conhecer o Deus dos seus pais, o Deus que os chamou. Por isso, no ato de registrar a lei dada por Deus no Sinai, Moisés também deu ao povo informações sobre sua própria origem para poderem interpretar os eventos do passado, do presente e do futuro.⁵ Gênesis — que significa “fonte” ou “origem”, em grego, e “no princípio”, em hebraico —, abrindo a série de livros escritos por Moisés, presta-se exatamente a isso.

Edward Young corrobora essa ideia ao apresentar a finalidade de Gênesis:

O propósito do primeiro livro do Pentateuco é fornecer um breve sumário da história da revelação divina, desde o princípio até que os israelitas foram levados para o Egito e estavam prontos para formarem uma nação teocrática.⁶

Nessa grande história, o primeiro personagem a surgir é o próprio *Deus*. Ele é o sujeito da primeira ação da Bíblia (Gn 1.1). Ele é o *criador* do universo, do homem e de um povo que ele pretende utilizar de modo especial.

⁵ F. F. BRUCE, *Israel and the Nations*, p. 14.

⁶ *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 53. Andrew HILL e John H. WALTON apresentam outra sugestão do objetivo de Gênesis: “O propósito do livro do Gênesis é contar a maneira e o motivo de Javé escolher a família de Abraão e fazer aliança com ela” (*Panorama do Antigo Testamento*, p. 76).

Como criador, algumas de suas qualidades podem ser percebidas pelo homem. Ele pode ser compreendido como agente da *criação*. Ela, fruto da criatividade e do poder do Deus ilimitado, guarda certas semelhanças com os atributos daquele que a fez existir. Toda a criação é perfeita. Perfeitos são todos os propósitos.

Isso perdura até que o *pecado* interfere de modo destruidor e separador (Gn 3). Apesar do alerta claro de Deus e do favorecimento do homem em meio a toda a criação, seu ímpeto o levou à desobediência. A queda do homem por meio do pecado não abriu apenas um abismo entre a humanidade e seu Criador.

O afastamento da santidade com a qual o homem foi criado parece se encontrar em Gênesis 6.5-7, quando a *punição* de Deus tem lugar. Deus exterminou toda a vida humana, com exceção de uma família, a de Noé, pela qual o Senhor deu sequência à história do homem (Gn 6—8).

O mundo pré-diluviano, contudo, não foi palco apenas da insubmissão e da inimizade contra Deus. Na aceitação divina de Abel (Gn 4.4-5), o Senhor restaurou a *comunhão* entre o homem e seu Criador. Se isso é apenas deduzido no caso de Abel, é explícito no de Enoque. Moisés registrou um comentário singular ao dizer que Enoque “andou com Deus” (Gn 5.22-24).

O fato de haver servos de Deus antes do dilúvio não fez com que Deus dispensasse o castigo da humanidade caída. A raça humana teria desaparecido não fosse Deus poupar uma família para, a partir dela, encher a terra. Um homem, Noé, foi “escolhido” para ser o novo patriarca da humanidade. Deus o orientou a construir uma arca que agiu como o fator de proteção de Deus, a *salvação* da morte e da ira (Gn 7.15-16).

Dando sequência à história, Deus escolhe Abrão para executar nele seus *decretos* e lhe conceder bênçãos imerecidas. Com esse chamado, Deus iniciou uma linhagem que se tornou um povo, e este, no devido tempo, foi convertido em uma nação. Assim,

Gênesis 1—11, ao se ocupar com as origens das nações, age como prólogo do drama da redenção iniciado em Gênesis 12.⁷

Esse esboço histórico é também um esboço teológico no qual Deus, por meio de Moisés, rascunha assuntos como o Criador, a criação, o pecado, a punição, a salvação, a comunhão e os decretos divinos. Nossa intenção não é exaurir a revelação veterotestamentária sobre cada um desses pontos teológicos aqui levantados, mas identificá-los a fim de auxiliar o estudante a se aprofundar em seu conhecimento.

PERGUNTAS PARA RECAPITULAÇÃO

1. Em um sentido mais amplo da palavra, o que é teologia?
2. Qual é o relacionamento entre a teologia bíblica e a teologia sistemática?
3. Diante do conceito da revelação progressiva, que tipo de informações se espera encontrar nos primeiros escritos bíblicos?
4. Qual é a importância de Gênesis para o povo israelita que foi tirado da escravidão do Egito e que se estabeleceria em Canaã?
5. Qual é a relevância de Gênesis 1—12 para a teologia?

⁷ Ralph SMITH, *Teologia do Antigo Testamento*, p. 160.

Capítulo 2

O Criador

Tema ao SENHOR toda a terra, temam-no todos os habitantes do mundo. Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir.

Salmos 33.8-9

UM TEXTO MUITO CONHECIDO NO AT tem como fonte o aprendizado de Jó sobre a pessoa de Deus: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem” (Jó 42.5). Jó utilizou uma figura de linguagem para dizer que aprendeu mais sobre Deus e passou a conhecê-lo melhor. Deus, ao interagir com o homem, se faz conhecido a ele. Contudo, o mesmo Jó reconhece que a capacidade que o homem tem de conhecer o Senhor é limitada: “Na verdade, falei do que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia” (Jó 42.3).

A verdade é que Deus está além da compreensão humana. No entanto, ele decidiu revelar parte da sua natureza e do seu caráter, o necessário para produzir um relacionamento com o homem.

O DEUS QUE ESTÁ ACIMA DO HOMEM

O criador revelado nas Escrituras guarda características únicas. Alguns desses atributos nos ensinam quanto Deus é diferente e superior a toda a criação.

1. Eterno

A primeira ação descrita em Gênesis, a criação, mostra que Deus existe antes dela: “Ainda antes que houvesse dia, eu era” (Is 43.13a). Enquanto o universo tem um princípio, Deus é eterno.

É certo que o conceito da eternidade confunde o homem. Para a humanidade, tudo que existe teve um momento inicial, perdura durante certo tempo e finalmente acaba. Nenhuma dessas realidades se aplica a Deus, pois ele não está, como nós, debaixo do tempo ou preso a ele (Sl 90.4).

Essa realidade é tão marcante na pessoa de Deus que ele é chamado várias vezes de “Deus eterno” (Gn 21.33; Dt 33.27; Is 40.28). Deus sempre existiu e sempre existirá (1Cr 16.36; Ne 9.5). Sua existência não tem início (Mq 5.2; Hc 1.12a).

Esse conceito tem várias implicações que fazem parte do conhecimento de Deus. Em primeiro lugar, por ser eterno, entende-se que Deus não teve um criador, mas que é “autoexistente”, ou seja, existe por causa dele mesmo, e não por causa de outro. Ele é causa de tudo e não é efeito de nada. Por isso, Jeremias chamou o Senhor de “Deus vivo”, associando essa realidade à sua eternidade, já que também o chama de “rei eterno” (Jr 10.10).

Uma das melhores expressões da existência autônoma e não dependente de Deus é o modo como ele se apresenta— “EU SOU O QUE SOU” (Êx 3.14) —, transmitindo tanto a ideia de uma existência plena como da sua presença constante com seu povo,¹ a qual não pode ser abalada por nada.

A segunda implicação tem a ver com a constância dos atributos do Senhor e com sua “imutabilidade”. Deus não está em desenvolvimento nem sofrendo qualquer tipo de degradação (Sl 90.2). Jeremias, tendo em mente a eternidade do Altíssimo, o chama de “verdadeiramente Deus” (Jr 10.10), algo que se contrapõe aos ídolos feitos por homens.² Não há mudança no seu caráter (Sl 25.6;

¹ Walter EICHRODT, *Teologia do Antigo Testamento*, p. 164.

² R. K. HARRISON, *Jeremias e Lamentações: introdução e comentário*, p. 74.

119.142; Is 54.8), nem na sua primazia e soberania sobre tudo o que existe, já que ele “preside desde a eternidade” (Sl 55.19), seu trono “desde a antiguidade está firme” (Sl 93.2) e seu domínio é eterno (Dn 7.14).

Uma das melhores afirmações da imutabilidade de Deus se dá por suas próprias palavras: “Porque eu, o SENHOR, não mudo” (Ml 3.6). Enquanto todos sofrem com o tempo, Deus se mantém o mesmo (Sl 102.26-27).

Por fim, a eternidade de Deus lhe serve de garantia da sua “credibilidade”. Ele mesmo lança mão desse atributo ao assegurar proteção ao seu povo e retribuição aos seus inimigos, produzindo neles confiança (Dt 32.40). O profeta Isaías reconhece essa relação entre a eternidade de Deus e a garantia do cumprimento das suas palavras (Is 26.4).

2. Ilimitado e infinito

Por melhores que sejam as pessoas e as coisas ao nosso redor, todas elas têm limites. A qualidade e o valor de cada coisa, ainda que grandes, encontram em algum ponto seu alcance máximo. Entretanto, essa regra não é válida para Deus, pois ele é infinito. Essas verdades são destacadas por Davi ao falar sobre as palavras e os caminhos do Senhor (Sl 119.96).

A infinitude de Deus lhe confere, em primeiro lugar, “perfeição”. Isso porque o conceito de um Deus sem limites não admite a ideia de que haja alguém maior ou melhor que ele, nem um estado mais desenvolvido ou um caráter melhor. Ainda que o AT incentive a perfeição de caráter do seguidor do Senhor (Gn 17.1; Dt 18.13), a perfeição de Deus é inatingível para o homem e está além da sua capacidade de compreendê-la (Jó 11.7). Por isso, tudo que ele faz e diz também é isento de falhas ou limites, visto que o caminho de Deus “é perfeito” (2Sm 22.31).

Outra faceta da infinitude de Deus é sua “onipresença”. Esse termo refere-se ao fato de o Altíssimo estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Deus, na totalidade da sua essência, sem difusão ou

expansão, multiplicação ou divisão, penetra e preenche o universo em todas as suas partes (Sl 139.7-10).³

Isso quer dizer que ninguém pode fazer nada longe da presença do Senhor, trazendo aos homens a noção da responsabilidade (Jr 23.23-24). A ausência de limites espaciais de Deus indica também que ele não está ligado a uma forma física. Eis a provável razão pela qual ele proibiu, no decurso da sua adoração, o uso de imagens (Êx 20.4-5). Fossem elas representações de Deus ou de seres ligados a ele, de qualquer modo haveria uma diminuição do conceito da infinitude do Senhor.

Por fim, a infinitude de Deus pressupõe sua “onipotência”. Significa que não há limites na capacidade que o Senhor tem de fazer tudo quanto queira ou deva fazer. Essa noção de onipotência recebe contestações semelhantes a esta famosa pergunta: “Deus pode criar uma pedra tão dura que ele não possa destruir?”. Qualquer resposta cria uma aparente incapacidade em Deus, seja no criar tal pedra, seja no tentar sem sucesso destruí-la. Contudo, essa é uma distorção no conceito de onipotência, pois tal atributo é coerente com a verdade, a lógica e o caráter de Deus. Frases como “Deus não pode morrer”, “Deus não pode mentir”, “Deus não pode criar alguém melhor ou mais forte que ele” e “Deus não pode criar um triângulo com quatro lados”, além de não afetarem sua onipotência, atestam sua perfeição, santidade, sabedoria e coerência.

A onipotência é vista inicialmente no ato de criar tudo que existe. Jeremias afirma que Deus “fez a terra pelo seu poder” (Jr 51.15a), e o salmista atesta que “os céus por sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de sua boca, o exército deles” (Sl 33.6).

A onipotência não é vista apenas na criação, mas também ao realizar coisas que são impossíveis para o homem. Por isso, ao fazer uma aliança com Abraão, cujas promessas visavam a desdobramentos históricos improváveis na concepção humana, o Senhor se apresenta como o “Deus Todo-poderoso” (Gn 17.1). Esse poder se faz sentir em ações práticas como fazer a estéril Sara tornar-se

³ Augustus Hopkins STRONG, *Systematic Theology*, p. 279.

mãe (Gn 18.14; cf. 21.1-3). Jeremias completa essa noção dizendo: “coisa alguma te é demasiadamente maravilhosa” (Jr 32.17).

Outro modo de o AT apresentar o poder ilimitado do Senhor é comparando-o ao poder do homem. Ele é poderoso acima de todos, e nada do que queira fazer pode ser impedido por quem quer que seja (Jó 42.2). Assim, Deus é poderoso para salvar seu povo: “Nenhum há que possa livrar alguém das minhas mãos; agindo eu, quem o impedirá?” (Is 43.13b). No final das contas, quando não há consenso entre os desejos da criatura e do Criador, quem prevalece é o Senhor (Pv 19.21).

Deus também se distingue da humanidade no campo do conhecimento, sendo “onisciente” (Sl 139). Ele conhece tudo que existe, ainda que o escopo de tal conhecimento seja inatingível sob a perspectiva humana (Sl 147.4-5). Mesmo as coisas mais ocultas, como o íntimo das pessoas, são desvendadas diante de Deus, pois “o SENHOR sonda os corações” (Pv 21.2) e “penetra todos os desígnios do pensamento” (1Cr 28.9), conhecendo por completo “a mente e o coração” (Sl 7.9), “porque o SENHOR não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o SENHOR, o coração” (1Sm 16.7b).

O conhecimento de Deus abrange também as coisas futuras. Por isso anunciou com antecedência acontecimentos futuros, como a fome nos dias de José (Gn 41.25b), as sucessões políticas previstas na estátua de Nabucodonosor (Dn 2.29b), a destruição do altar pagão por Josias (1Rs 13.2; cf. 2Rs 23.16) e a subjugação da Babilônia e a libertação dos israelitas por Ciro (Is 45.1; 48.14b; cf. Ed 1.1). O AT tem muitas outras previsões divinas que ainda aguardam o cumprimento e que são tratadas no campo da escatologia.

3. Santo

Ser santo significa que Deus é separado.⁴ Nesse sentido, ele é separado tanto da criação como de tudo que é indigno ou pe-

⁴ FRANCIS BROWN, S. R. DRIVER e CHARLES BRIGGS, *Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*, p. 872-873.

camposo. Trata-se de uma absoluta separação do mal.⁵ Ele é superior e separado de tudo que não é Deus e que não é perfeito. De modo positivo, pode-se dizer que a afirmação de que Deus é santo significa que ele é completamente puro e distinto de tudo o mais que existe. Essa qualidade de Deus define todos os traços do seu caráter.⁶

A santidade de Deus implica várias coisas. Em primeiro lugar, ele não faz parte de um panteão, nem guarda semelhanças com as características dos falsos deuses (Êx 15.11). Enquanto os deuses do paganismo têm características negativas como os defeitos de caráter dos homens, o Senhor é diferente e único (1Sm 2.2). Ele apresenta uma moral perfeita que o faz agir com uma ética perfeita que o diferencia de todos (Is 40.25).

A santidade também aponta para o fato de que Deus é “único”. Quanto ao restante, todo ele foi criado por Deus (Sl 89.11). Ainda que as Escrituras não narrem a criação de todas as coisas (p. ex., a dos anjos), não há espaço para qualquer outro criador.⁷ Assim, nada mais óbvio que Deus se revelar como “único SENHOR” (Dt 6.4). A consequência é uma adoração inteiramente voltada a ele sem que seja dividida com nada, nem com ninguém (Dt 6.5).

É possível haver alguma confusão quando se veem textos em que outros “deuses” são personificados, como no caso do juízo de Deus sobre o Egito, quando o Senhor diz: “Executarei juízo sobre todos os deuses do Egito” (Êx 12.12). Entretanto, esse é um modo de demonstrar a tolice de se confiar em deuses inexistentes criados na mente humana (Dt 4.35). Diz o próprio Senhor: “Além de mim não há Deus” (Is 44.6); “porque todos os deuses dos povos não passam de ídolos; o SENHOR, porém, fez os céus” (Sl 96.5); e “a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura” (Is 42.8).

⁵ R. Laird HARRIS, Gleason L. ARCHER JR. e Bruce K. WALTKE, *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*, p. 1320-1325.

⁶ Eugene MERRILL, *Teologia do Antigo Testamento*, p. 68.

⁷ Andrew HILL e John H. WALTON, *Panorama do Antigo Testamento*, p. 87.

A noção do santo ou do sagrado como algo separado faz também o Senhor considerar o que lhe pertence como algo separado para ele (Lv 20.26). Com isso, Gleason Archer Jr. vê como consequência natural que o Israel redimido deveria conservar-se puro, isto é, separado do mundo para servir e prestar culto ao único Deus verdadeiro.⁸

O ato de Deus separar um povo para si não elimina a responsabilidade dos próprios servos de se consagrarem a ele. Na verdade, para ter comunhão com Deus é necessário que o homem assimile o conceito da santidade do Senhor⁹ e entre no processo de reproduzi-lo em sua vida (Lv 11.44). Ser povo santo é, naturalmente, repudiar o que é imoral e corrupto e afastar-se disso (Dt 23.14b).

Quando a consagração tinha relação com pessoas, isso implicava limites nas ações e nos relacionamentos, como no caso dos sacerdotes, o que lembrava que a prostituição cultural comum em Canaã não tinha relação com o culto israelita (Lv 21.7; cf. tb. Nm 6.1-8).¹⁰ Quando tinha relação com objetos ou animais, implicava uso exclusivo no serviço de Deus (Lv 8.11) e qualidade compatível com a função de servir a Deus, como as ofertas “sem defeito” (Lv 5.15). Quando a consagração tinha relação com o tempo — sábados, dias de festa, anos de descanso, anos de jubileu —, havia proibições de trabalho e de plantio, devendo haver descanso, fosse dos trabalhadores, fosse da terra (Êx 31.14-16; Lv 25.10-12).

O DEUS QUE SE APROXIMA DO HOMEM

Todos os atributos de Deus são perfeitos e demonstram que ele está acima do homem. Entretanto, alguns desses atributos se tornam

⁸ *Merece confiança o Antigo Testamento?*, p. 158.

⁹ Carlos Osvaldo Cardoso PINTO, *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento*, p. 92.

¹⁰ R. K. HARRISON, *Levítico: introdução e comentário*, p. 194.

conhecidos no relacionamento do Senhor com a humanidade, principalmente com seus servos.

1. Pessoal

A primeira característica de Deus que permite o relacionamento entre ele e os homens é o fato de ele ser pessoal. Isso não quer dizer que Deus tem um corpo, mas que tem inteligência, emoções, vontade¹¹ e capacidade de se comunicar. Assim, Deus não é uma força cósmica, um fator de ligação entre os seres vivos ou o somatório de tudo que existe. Deus é uma pessoa.

O primeiro traço da sua personalidade, conforme revelado no AT, é sua “inteligência”. Isso está patente desde o princípio na obra da criação; ao criar tudo que existe, Deus mesmo avaliou o que fez: “eis que era muito bom” (Gn 1.31). A inteligência do criador está impressa na perfeição e na grandeza da criação (Sl 104.24). Por isso, Davi aprende sobre Deus ao olhar para os céus, obras do Senhor (Sl 19.1-4).

O tipo de intelecto que a criação revela como causa da sua forma, tamanho, variedade, ordem e funcionamento é extremamente superior ao intelecto humano. Deus compara o seu entendimento com o de Jó — e de todos os homens —, perguntando-lhe: “Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se tens entendimento” (Jó 38.4). Nunca houve resposta da parte de Jó a essa pergunta, pois não há entendimento no homem que se compare ao do Senhor.

Outro traço da personalidade de Deus é o fato de ele ter “emoções”. Como pessoa, Deus sente amor (Jr 31.3). Deus também se ira, fato observado quando ele chamou Moisés e este passou a resistir ao chamado (Êx 4.14). A misericórdia e a compaixão são sentimentos vistos em Deus no seu contato com os seres humanos (Êx 33.19b). O Senhor, como ser pessoal, alegra-se (Sf 3.17) e se entristece (Gn 6.6).

¹¹ MARCOS GRANCONATO, *Pequeno manual de doutrinas básicas*, p. 10.

Uma nota deve ser feita ao termo “arrependimento”. Quando aplicado a Deus, não quer dizer que ele “muda de ideia”. (1Sm 15.29). Nas ocorrências dessa palavra ligada a Deus, um elemento comum é a “mudança de atitude” do Senhor para com o homem, seja da bênção para o castigo (Gn 6.6-7; 1Sm 15.11,35; Jr 18.9-10), seja do castigo para o perdão (Êx 32.14; 2Sm 24.16; Jr 18.8; Am 7.2-6; Jn 3.10), sem, contudo, sair de seu plano previamente traçado ou anunciado.

Trata-se de uma linguagem chamada “antropomórfica”, utilizando realidades que nos são conhecidas a fim de nos apresentar verdades divinas que temos dificuldade de compreender. Isso faz parte do modo de Deus se revelar ao homem de forma inteligível, coerente e compatível com a condição humana¹², ao que João Calvino chamou de “balbuciar” como crianças.¹³ Mas quando o arrependimento é usado no seu sentido normal, presumindo uma mudança de opinião e de planejamento, a Bíblia se apressa em dizer que “Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que *se arrependa*” (Nm 23.19).

O terceiro traço da personalidade de Deus é sua “vontade”. Ela é compatível com sua perfeição e santidade. Por isso, seus servos buscam segui-la (Sl 40.8; 143.10a). Jotão, rei de Judá, a quem a Bíblia qualifica como um bom rei explica que a razão para tanto foi “porque dirigia os seus caminhos segundo a vontade do SENHOR, seu Deus” (2Cr 27.6). A vontade do Senhor foi conhecida até mesmo fora de Israel, como se vê no decreto do rei Artaxerxes a Esdras (Ed 7.18). Até os anjos servem a Deus cumprindo sua vontade (Sl 103.21).

O quarto traço da personalidade de Deus é sua “capacidade de se comunicar”. A primeira mostra disso se dá na comunicação pessoal de Deus ao criar o homem (Gn 1.26). Nesse caso, Deus fala consigo mesmo usando um pronome no plural. Ao dizer “nossa

¹² Carlos Osvaldo Cardoso PINTO, *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento*, p. 18.

¹³ *As institutas ou tratado da religião cristã* (livro I, cap. XIII, §1), p. 127-128.

imagem” e “nossa semelhança” fica claro que ele se dirige a alguém da mesma natureza, comunicando-se dentro da própria divindade. O mesmo ocorre por ocasião da confusão de línguas na torre de Babel (Gn 11.6-7).

Deus se comunica também com os seres humanos. Falou diretamente com homens, como Adão (Gn 2.15-17), Noé (Gn 6.13), Abraão (Gn 12.1-3), Moisés (Êx 3.4-10) e os profetas, os quais agiam como porta-vozes de Deus a seu povo. Nesse caso, era muito comum a fórmula “assim diz o Senhor” (Êx 5.1; Jz 6.8; 1Rs 11.31; Is 7.7; Jr 2.2; Ez 2.4). Deus também se comunicou por meio de escritos, como as tábuas da lei (Êx 24.12) e a escrita na parede do palácio da Babilônia (Dn 5.24-28).

2. Soberano

Um traço importante no AT sobre o modo de Deus se relacionar com a criação e com o homem é sua soberania. Seu nome e seus atributos mostram que ele é soberano.¹⁴ Ainda que a soberania tenha relação direta com a onipotência, ela não é apenas o poder ilimitado de Deus, mas sua aplicação prática no controle ativo de tudo que existe. As Escrituras afirmam categoricamente que ele tem poder para controlar tudo, e que, de fato, controla (Jó 42.2; Is 46.10).

Assim, soberania não é apenas ter poder para fazer o que quiser, mas exercer tal poder segundo seus planos e propósitos. Não é uma queda de braço. É o comando pleno de um projeto previamente traçado por Deus, que ele não tem dificuldade de executar.

O controle soberano de Deus, contudo, não pode ser nomeado de “fatalismo”:

O quadro apresentado pela Bíblia não é um quadro fatalista, porquanto o fatalismo deixa a sorte do mundo nas mãos de uma força impessoal. A Bíblia, porém, deixa o destino do

¹⁴ Ronald YOUNGBLOOD, *The Heart of the Old Testament*, p. 19.

mundo nas mãos de Deus, o Pai, o qual é todo-reto, todo-sábio e todo-misericordioso.¹⁵

Exemplo do controle soberano de Deus se vê sobre a “natureza”. O seu poder infinito se mostra quando ele envia o dilúvio para eliminar a humanidade, com exceção de Noé e sua família. Nessa ocasião, Deus se apresenta como o autor direto do dilúvio, mostrando que as forças da natureza atendem às suas ordens (Gn 6.17; cf. v. 7).

O mesmo ocorreu por meio das pragas do Egito, a fim de se revelar aos homens como o Deus incomparável e inspirar nos israelitas reverência e adoração alegre¹⁶ (Êx 9.14). Em seu controle sobre a natureza, Deus transformou as águas em sangue (Êx 7.20), fez o rio produzir rãs em uma quantidade enorme (Êx 8.3,6), enviou um enxame de moscas somente sobre os egípcios (Êx 8.24), produziu uma peste que matou os animais (Êx 9.3,6), lançou feridas abertas (“úlceras”) nos egípcios e nos seus animais (Êx 9.10), enviou uma chuva de pedras sobre os homens, os animais e as plantações (Êx 9.22-23), ordenou um grande ataque de gafanhotos que dizimou a flora do Egito e encheu as casas dos moradores (Êx 10.12-15), escureceu apenas a terra dos egípcios (Êx 10.21-22) e matou todos os primogênitos dos homens e dos animais (Êx 12.29).

Algo que não pode deixar de ser notado, tanto no relato do dilúvio como no das pragas, é que Deus avisou com antecedência o que faria e explicou seu propósito, excluindo por completo a possibilidade de tais eventos serem tratados como episódios ao acaso ou acontecimentos dirigidos por qualquer coisa que não fossem a decisão e o controle do Senhor.¹⁷

¹⁵ D. James KENNEDY, *Verdades que transformam*, p. 11.

¹⁶ Andrew HILL e John H. WALTON, *Panorama do Antigo Testamento*, p. 100.

¹⁷ A maior dificuldade do estudante das Escrituras diante da soberania de Deus em tragédias não é entender a soberania em si, mas os propósitos do Senhor. Estes, segundo o ensino bíblico, são “insondáveis” (Rm 11.33-34). Entretanto, alguns exemplos de propósitos cumpridos em catástrofes nos dão pistas de razões divinas para situações que causam grande sofrimento, como o bem dos crentes

Deus também se mostrou soberano sobre a natureza ao enviar fartura e depois seca nos dias de José (Gn 41.25-32); ao abrir o mar diante dos israelitas (Êx 14.21-22); ao tirar água de uma rocha no deserto (Êx 17.5-6; Nm 20.7-11); ao prover o maná diariamente, exceto aos sábados (Êx 16.4); ao produzir um evento sísmico que puniu os israelitas rebeldes (Nm 16.31-33); ao estancar as águas do Jordão (Js 3.14-17); ao enviar eventos climáticos surpreendentes que demonstram sua glória e seu poder sobre as nações (Êx 20.18; Js 10.11; 1Sm 12.18; Is 29.6); ao conter o Sol e a Lua na batalha liderada por Josué (Js 10.12-14); ao ocasionar a seca dos dias de Elias e o retorno da chuva (1Rs 17.1; 18.1) e dos dias de Davi (2Sm 21.1); a alimentar Elias por meio de corvos (1Rs 17.4-6); ao causar a tempestade que se abateu sobre o navio em que estava Jonas (Jn 1.4); e ao controlar o peixe que engoliu Jonas e o levou de volta a terra (Jn 1.17; 2.10).

A soberania de Deus também é vista na história da humanidade e das nações. O Senhor controla os rumos dos acontecimentos, e não há nação ou líderes políticos que consigam impor a Deus os seus próprios planos (Sl 33.10-11). Mesmo os planos humanos que são efetivados passam pela direção de Deus (Pv 21.31). Também os esforços humanos a fim de promover o bem pessoal estão sob o controle de Deus (1Sm 2.7). O controle soberano do Senhor se estende até o “coração dos homens (Pv 21.1; cf. Ed 7.6; Dn 1.9). Nesse sentido, ele é soberano até para “endurecer” corações (Êx 4.21).¹⁸

que sobrevivem à tragédia (Tg 1.2-4), o traslado dos crentes que morrem para os céus e para junto de Deus (Fp 3.20-21; Sl 116.15; Fp 1.23), o convite de conversão aos incrédulos (At 16.26-28,30-32), a punição de homens rebeldes (Gn 6.7,17; Nm 16.31-33) e a apresentação dos “sinais dos tempos” que nos fazem lembrar a aproximação dos eventos escatológicos (Mt 16.3; Mt 24.6-7).

¹⁸ Para melhor compreensão da atuação soberana e do propósito do Senhor em relação ao “endurecimento” como fez com o faraó, cf. Romanos 9.17-18, que cita Êxodo 9.16, dando, em seguida, uma conclusão teológica ao fato.

Muitos cristãos leem o Antigo Testamento com certa desconfiança, pois o consideram ultrapassado e substituído pelo Novo Testamento. Chegam a ponto de acreditar que os relatos de Gênesis a Malaquias têm pouca ou nenhuma utilidade para a igreja contemporânea. Nada mais distante da realidade.

Fundamentos da Teologia do Antigo Testamento reforça que toda a Bíblia foi inspirada por Deus e nenhuma parte se tornou irrelevante ou ultrapassada. A teologia do Antigo Testamento, além de conter informações que o Senhor desejou transmitir, é também o alicerce sobre o qual o Novo Testamento está assentado. A julgar pelos rumos atuais da igreja e do ensino cristão, nunca foi tão necessário o estudo sério do Antigo Testamento como parte da revelação de Deus.

Este livro lança luz sobre a grande importância dos 39 primeiros livros da Bíblia, com especial atenção para temas relevantes da fé cristã, como os atributos do Criador, o pecado, a comunhão e a salvação. Depois de ler esta obra você nunca mais olhará para o Antigo Testamento da mesma maneira.

THOMAS TRONCO formou-se em odontologia na Universidade São Francisco, em Bragança Paulista, e é mestrando em teologia e exposição bíblica do Antigo Testamento no Seminário Bíblico Palavra da Vida. Atualmente pastorea a Igreja Batista Redenção, em Atibaia, e ministra cursos de teologia bíblica do Antigo Testamento no Seminário Teológico de Guarulhos e no Seminário Charles Spurgeon, em Fortaleza.

